



Gaiato



4560 PENAFIEL
TAXA PAGA

Quinzenário • 27 de Novembro de 1993 • Ano L - N.º 1297 - Preço 30\$00 (IVA incluído)

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

BENGUELA

O movimento associativo gerado na situação de guerra tem um significado muito rico

É interessante o movimento associativo gerado na situação de guerra que se vive em Angola. As pessoas abandonaram suas terras e fugiram para lugares mais seguros. Andaram centenas de quilómetros a pé atravessando montes e rios, em muitos casos. Grande número delas morreram pelo caminho. Pais que não sabem dos filhos; maridos que não sabem de suas esposas... E o drama dos deslocados por causa da guerra.

Os familiares acolhem-nos quando chegam ao lugar de refúgio. Todos cabem dentro das quatro paredes da casa, apesar das dificuldades já existentes e, agora, acrescidas sem medida. Há, entretanto, aqueles que não têm família ou conhecidos. Para estes foram montados acampamentos provisórios, onde passaram a viver amontoados primeiro, depois já em barracas devidamente preparadas, graças à ajuda de instituições humanitárias, sobretudo estrangeiras.

Os materiais e amigos das terras devastadas pela guerra, muitos deles residentes fora delas, organizaram-se em associações com o nome da terra de origem, a fim de socorrerem os deslocados e darem apoio à reconstrução do que foi destruído pelos confrontos armados.

Este movimento é de grande valor e tem um significado muito rico. Em períodos como este — que Angola está a viver — o individualismo e a ganância encontram terreno favorável para se desenvolverem. A lei da selva tem espaço para comandar as trocas comerciais e o lucro fácil é uma tentação que arrasta muita gente. A par, cresce a multidão dos que nada têm e cada vez com menores possibilidades de sobrevivência.

É neste contexto que o movimento associativo aparece como uma luz verde a representar as forças vivas que reagem contra os elementos desintegradores do tecido social. A alma é a solidariedade. O muito ou o pouco que estas associações possam fazer, valem sem dúvida pelo significado que têm.

Há, de facto, lucros anormais que a situação económica descontrolada explica, mas não justifica, tornando a vida das pessoas impossível. Não há dinheiro que chegue para que o cidadão comum possa ter o pão de cada dia. Deste modo geram-se vícios nas diferentes camadas sociais que fazem ver um futuro muito sombrio para o corpo da Nação.

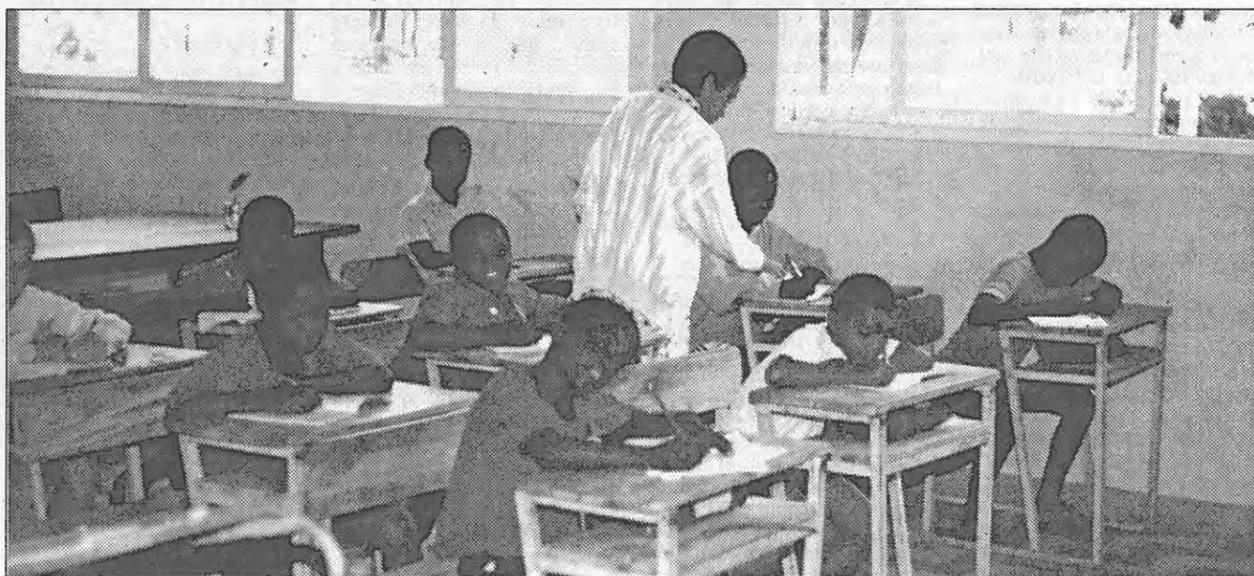
A Família é a grande vítima. A sua autonomia e intimidade desaparecem, tal a dependência em que se colocam perante o grupo de pessoas detentoras de fortunas adquiridas por meios ilícitos, comprando corpos e almas.

São verdadeiros heróis os que no meio deste turbilhão ainda pensam nos caídos e lhes dão a mão para que possam manter-se, ao menos, de pé.

Os gaiatos gostam de estar ao serviço dos Pobres

HÁ dias, um dos nossos pequeninos chegou um nadinha mais tarde à mesa para comer a refeição. Veio, de seguida, justificar-se, dizendo que esteve a servir os Pobres à porta da cozinha. Caiu-me tão bem no coração esta desculpa

Continua na página 3



Escola Primária da Casa do Gaiato de Benguela

SETÚBAL

Só quem viveu, goza a dimensão da alegria que esta carta desperta

«As lágrimas são o meu pão», cantava um homem de dores carregado de sofrimento.

É uma expressão de alma que nos alivia quando as dores apertam. Ninguém pense amar sem dor. Isso será para o Além. Lá não haverá nem morte nem dor. Mas isso é depois. Enquanto amarmos os homens, sobretudo os que são vítimas, a nossa vida será um calvário. É bom saber que é assim. Não há lugar para desilusões e muitos menos para desânimo. O Mestre nunca desanimou. E... chegou lá... à Ressurreição.

Foi a Sua pedagogia. Ele que veio salvar o que estava perdido.

Trago hoje uma grande alegria na alma e quero que os sofredores participem dela. O Senhor também assim fez aos mais íntimos. Subiu com Eles ao Tabor e manifestou-lhes o fruto da Paixão. É uma carta dum rapaz que muito me torturou a alma e a quem muito atribulei Histórias vivas que só Deus deve conhecer e mais ninguém.

Sem comentários mais, aí vai ela tal qual saíu da sua pena:

«France, 6 de Novembro de 1993

Ex.mo Senhor (...)

Primeiro que tudo espero que perdoe estes últimos anos passados sem lhe ter dado qualquer novidade sobre o caminho por mim

percorrido após a última vez de nosso reencontro.

Mas sinto em mim a necessidade de fazer algo por mim próprio e procurar um dia dar-lhe outra novidade diferente e mais decente, dado que as anteriores foram tristes para mim e todos os demais.

Hoje encontro-me feliz, ao lado do meu primeiro filho e de minha mulher cujo conheci em Portugal e desde quatro anos que vivemos juntos em France. E ela é Professora Primária.

Se algum dia a ocasião lhe leve a passar por France, terei o imenso prazer de lhe fazer convidado em nossa casa e no seio de nossa própria família; saiba que será recebido dentro do melhor...

As lágrimas envadem-me os olhos e a escrita parece-me fugir do próprio papel. Não vale a pena explicar-lhe a razão das minhas lágrimas, pois o senhor padre me conhece melhor que talvez eu próprio me conheça.

Os meus agradecimentos distinguidos por tudo o que fez por mim.

O sempre vosso e inteiramente reconhecido.»

(Assina)

Só quem viveu, goza a dimensão da alegria que esta carta desperta. Só quem sofreu o aparente fracasso

entende a sabedoria que ela encerra e a força que inspira para outros casos semelhantes. Obrigado irmão. Nós

já sabíamos que é assim, mas agora estamos mais convictos.

Continua na página 2



Brincalhona expressão do nosso André

Conferência de Paço de Sousa

UMA SOLUÇÃO — Há dias cruzámos com ele, na localidade onde ora reside em habitação económica. Saudámo-lo rapidamente, que o tempo urgia em recados pendentes. Mas ficámos apreensivos com a face do homem e viemos a ruminar... Infelizmente, acertámos na previsão: está com *baixa*, há mais de dois anos. Aqui, na sua terra, já lhe acudíramos — e aos seus — em época de *vacas magras*. Entretanto, conseguimos razoável promoção social numa empresa pública. Mas adoeceu. Sente dificuldades no dia-a-dia, que o pouco dinheiro que recebe mal dá para sustento da família. O médico recomenda ao doente, para uso permanente e alívio de sofrimentos, uns óculos caros, mesmo com rude armação. «*A gente não pode comprá-los...*» Descrevem, então, minuciosamente, o calvário doloroso. Não foi tarde nem cedo, foi logo a caminho do Porto com as nossas instruções bater à porta de empresa amiga que lhes cederá, de nossa conta, pelo menos ao preço de custo. Um alívio para toda aquela gente. Uma *maná* caído do Céu! Mais: passámos imediato recado aos vicentinos da localidade onde reside. Vão arregaçar as mangas para amenizarem as péssimas condições de vida do agregado. É uma *geminção* salutar, característica da Sociedade de S. Vicente de Paulo.

Encaminhada a solução deste caso, pousámos os nossos olhos pecadores num «*apelo da assembleia diocesana da LOC*» bracarense, publicado na Imprensa Regional: «*Perante a responsabilidade que advém da sua condição de militantes cristãos*», e em resultado duma profunda reflexão, registam «*um veemente apelo a todos os responsáveis, seja da sociedade civil seja da Igreja, para que tudo façam a fim de que situações de pobreza não se transformem em situações de miséria*». Estes cristãos são homens de calos nas mãos; que vivem e testemunham o Mandamento Novo nos postos de trabalho — tão incertos hoje..., por toda essa vasta Região!

PARTILHA — Parte de um cheque da assinante 32620, de Casais (Tomar), «*para auxílio nos medicamentos duma irmã viúva. Eu também sou viúva e estou doente. É justo que possa repartir um pouco por aquelas que têm menos. Sempre que leio O GAIATO dou graças a Deus por pôr no coração dos homens a Bondade. E peço-Lhe que, também a mim, dê o desprendimento e a graça de amar e repartir*».

A presença assídua da assinante 9708, com sete mil escudos e um desabafo: «*Nos últimos dias do mês passado choveu aqui torrencialmente. Afligia-me lembrar quem vive em barracas, com telhados feitos de plástico, zinco e sabe Deus como. É muito pouco o que envio para as necessidades. Vamos a ver se, brevemente, irá mais alguma coisa*».

Outro cheque, da assinante 5025, de Coimbra, e pede o que sempre evitamos: registar os nomes dos caminhantes.

O habitual óbolo, do assinante 42971, de Ovar, «*para os Pobres mais necessitados e em geral os mais envergonhados da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, que entregarão ou distribuirão como melhor entenderem — por minhas intenções*».

Pelas CASAS DO GAIATO

A «*Avó dos cinco netinhos*» manda, de Setúbal, mais 3.000\$00 e pede «*perdão a Deus por ter atrasado a migalhinha referente a Outubro. É com todo o carinho que o faço, e muito respeito pelos que tanto precisam de auxílio*».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

VISITANTES — Recebemos a visita dos escuteiros de Pombal. Trouxeram o almoço e comemos no jardim da nespereira, como é habitual. No fim, um jogo de futebol. A equipa de Pombal perdeu por 3-1. Depois, um magusto. Todos se fartaram de comer castanhas assadas!

Agradecemos a visita e esperamos outras, idênticas.

OBRAS — Os pedreiros colocaram os azulejos junto à residência dos médios. Ficaram com bom aspecto. Estão quase terminadas as obras em nossa Casa. Agora, preparam as nossas camas. E as caleiras foram já colocadas no sítio.

AZEITONA — Começou a ser apanhada na terra dos grilos. No sábado, os mais velhos varejaram as árvores e os mais pequenos recolheram a azeitona do chão. Tivemos sorte em relação ao ano passado, pois algumas árvores estavam carregadas. Outras, não.

OFICINAS — Os serralheiros pintam as camas para a casa-mãe. Ultimamente temos feito pouco trabalho para fora. Os carpinteiros terminaram a escada da casa-mãe e executam serviços para a Lentisqueira e diversos lugares. A tipografia continua fechada. Dá pena, pois não temos mestres.

Frederico

PAÇO DE SOUSA

AGRICULTURA — O Arménio e seus colegas lavram os campos onde, todos os anos, procedemos a sementeiras. E trazem muito estrume para os campos novos, agora com boa terra preta de um desatero na parada do novo Quartel dos Bombeiros V. de Paço de Sousa.

VISITAS — Na altura do S. Martinho recebemos muitas, e algumas dessas pessoas almoçaram em nossa Aldeia.

Alguns rapazes ofereceram-se para ajudar um grupo a assar castanhas, quentes e boas!

MAGUSTO — Esse dia foi de festa para todos nós. Acen-

deram-se as fogueiras e uns tiveram mais sorte do que outros... Mas, no fim, os rostos de cada um revelavam alegria por terem conseguido fazer o grande magusto sem qualquer perturbação.

MUDANÇAS — Enfim, houve mudanças de chefes, por iniciativa do nosso Padre Júlio. Esperamos que tudo corra bem e a comunidade beneficie, pois somos uma Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes.

PASSEIOS — Com a vinda do nosso Padre Júlio, para a Casa do Gaiato, muitas coisas se modificaram. Deixa sair, todos os domingos, os rapazes de certa idade, que vão contentes pela avenida fora, com moedinhas no bolso para comprar qualquer coisa, lá fora. É uma responsabilidade que temos, pois não podemos fazer asneiras.

DESPORTO — Falo propriamente só do futebol. O nosso Grupo Desportivo tem correspondido às ordens do técnico (Lupricínio). Os resultados falam por si, em relação à equipa principal. Os mais pequenos começaram a preparar-se, orientados também pelo Lupricínio, para revelarem o seu valor.

Convidamos equipas (séniores, juniores, infantis e iniciados) para nos defrontarem. Contactem pelo telefone (055) 752285; ou escrevam para o *Grupo Desportivo da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel*.

«Spock»

TOJAL

VISITAS — Como sempre, têm vindo a nossa Casa algumas excursões; e, de vez em quando, familiares dos nossos rapazes. As saudades são muitas e o encontro dura pouco tempo.

OBRAS — O calceteiro e os rapazes preparam as nossas ruas principais. Ficarão mais bonitas!

FRUTA — As laranjeiras estão carregadas, e a fruta ainda verde. Esperamos que amadureça depressa, para comermos as deliciosas laranjas.

ESCOLAS — Há bons resultados, apesar de algumas notas negativas no Ensino Preparatório. Ainda vamos no primeiro período, mas com boa vontade, nos restantes períodos, serão possíveis boas notas para podermos concluir o ano escolar.

AZEITONA — Não houve muita. Para o ano haverá mais. Foi apanhada quase toda a que

estava no chão e nas oliveiras.

FUTEBOL — Sendo o desporto mais apreciado pelos nossos rapazes, é praticado todos os fins-de-semana e a horas livres pelos mais novos e pelos mais velhos. Às vezes, um ou outro jogo com equipas de fora. Mas, quase sempre, jogamos só entre nós.

ANIMAIS E AVES — Temos muitos!: vacas, ovelhas, porcos, patos, gansos, piri-quitos, cães e até gatos. Qualquer dia há um mini-Zoo cá em Casa!

Destinaram-se algumas tarefas aos rapazes para cuidarem dos animais domésticos.

Joaquim Miguel Pinto

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Mais uma vez batemos aos corações dos Leitores para que nos abram as portas e daí saia um gesto de caridade para aqueles que nada têm.

Que essa caridade transporte, aos irmãos mais necessitados, um gesto de amor e nunca se sintam abandonados.

As vossas ofertas darão mais força para lutarem na vida; e, lutando, é porque têm fé, pois nós temos que acreditar que há sempre Alguém por detrás da tristeza, da angústia, da solidão e da pobreza. Há um Pai muito grande que nunca nos abandona. E Deus.

O Natal está aí. Os filhos dos nossos Pobres estão a contar com as vossas ofertas e delas saíam os presentes para os sapatinhos que porão na chaminé.

O Natal é uma festa grande. Festa de Família, do Nascimento do Salvador, Cristo Senhor, que veio como Príncipe da Paz. Para que ela exista, é preciso que estejamos na Graça de Deus, não haja guerra nem ódio entre os homens, seja uma noite de amor e as mesas deles estejam recheadas de conforto e não sintam um vazio de pobreza e abandono; mas, sim, o grande amor de todos nós.

A nossa Conferência tem aumentado muito o número de pessoas para ajudarmos. Crianças a viver em más condições. Idosos, doentes, acamados e sós. Levamos amor, uma palavra amiga. Mas para ajudar na parte material precisamos de ofertas. Não perdemos a fé e continuaremos a percorrer os caminhos que o Pai Américo trilhou e nos deixou em herança.

Deus nunca abandonou os Seus filhos.

RECEBEMOS — 20.000\$00, de Bernardette, «para o leite das crianças». Pela alma de A.

Amaral, 20.000\$00. Em acção de graças por um acontecimento — a entrada de uma filha na Faculdade — 1.500\$00. Assinante 6313, 15.000\$00. «Por amor ao Senhor Santo Cristo dos Milagres», 5.000\$00.

Bem haja todos.

Uma vicentina

Associação da Comunidade O GAIATO - Setúbal

FESTA DE NATAL — A Direcção da Associação da Comunidade O GAIATO organiza, pela primeira vez, uma pequena Festa de Natal dedicada aos filhos e netos dos sócios.

O convívio será no Lar do Gaiato — Rua Morgado de Setúbal, 91 — Setúbal, em 5 de Dezembro (domingo), às 14 horas, com um bom passatempo para todos os filhos e netos, até aos 14 anos. Haverá brinquedos e uma pequena merenda.

Se tencionas vir à Festa, envia a relação dos filhos e netos a inscrever, os respectivos nomes e idades, até 26 de Novembro.

Contactar: **Ourivesaria Relojoaria Viegas - Travessa do Garim, 1 - Telef. (065) 39594 - 2900 Setúbal.**

Não faltes! Traz os teus. Será um domingo bem passado e para recordar.

A Associação da Comunidade O GAIATO deseja um feliz e santo Natal a todos os gaiatos do Mundo, aos Padres da Rua, especialmente os de África: Padre Telmo, Padre José Maria, Padre Manuel António.

Américo Correia

Tempo

*As coloridas folhas campestres
Criam em mim nostalgia.
E os caminhos agrestes
Estão atapetados de fantasias.*

*Em Outubro
Enquanto o sol se põe
E escurece o mundo
Ouço o silêncio dos montes,
Sou sonhador, romântico,
E espontâneo!*

*Os anjos são sonhos
Dos meus próprios sons!
Eles também chegam ao fim.
Os aromáticos odores
Dos pomares e dos jardins
Perfumam o meu corpo!*

*O poema é um filme onírico!
O Amor é espírito
Em constante movimento
No corpo duma mãe!
E é também
O meu melhor tempo!*

Manuel Amândio

Até quando meu Deus?!

*Povo em marcha
Sem destino
Sem paragem
Sem meta,
Lá vai ele. Sim, ele meu povo!*

Diz chamar-se «angolano».

E a gente pergunta:
— Para onde vai ele?

*Não há espaço no país para ele
Construir casas
Fazer lavras
Construir família
E...?*

*Há! Há lugar até:
— Para criar bois, porcos,
cabras, ovelhas e tudo. Mas
tudo!*

*Então porque foge ele?
Ninguém consegue
Dizer o porquê.
A saúde e a coragem...
Onde estão elas?
Elas caminham juntas!
Estão envergonhadas...
Esconderam-se por causa
da guerra e da fome.*

*Meu Deus! Até quando tudo isso?
Que vida é a nossa!
Que inferno é o nosso!
Que deserto é o nosso!
Que caminho difícil!*

*Lá vai caminhando, atravessando
fronteiras sem paz.
Com os pés a sangrar
Com os olhos lacrimosos de
suor, avermelhados com o
fumo dos ávidos canhões.*

*Ah meu povo; quando voltarás
a ser gente?!*

*Meu Deus, meu Deus!
Porque me abandonaste?
Este, é o grito
E gemido do meu povo...
Que mesmo com os lábios
Secos de fome
Ainda conserva
Um sorriso
Acolhedor e simpático,
Sempre na esperança
E confiança no Senhor,
Que também é nosso Deus
Neste Mundo.*

Rui Fonseca Muongolo

Malanje, 4/10/93

SETÚBAL

Continuação da página 1

Escola de Música

Temos a começar uma Escola de Música. É o Octávio — o mestre das nossas Festas — que a põe em marcha. Todos os dias, das 16 às 18 horas há música.

Temos dois acordeões, três pianos, alguns pequenos e fracos órgãos. Mas precisamos de quatro flautas, violas e mais alguns instrumentos que estarão por aí parados sem utilidade. Não mos queres dar?

O salão de festas está a ser reconstruído. Deitámos tudo abaixo. Estava carcomido. Só ficaram as paredes. O salão de festas é uma oficina de cultura. Vamos adaptá-lo às novas técnicas e modernas exigências de som e luz. A Secil dá-nos o cimento. Tem sido uma bênção a dádiva da Secil. Nós damos o trabalho. A malta faz formiga a encher as vigas, a placa e o balcão. Espero poder realizar lá a festa de Natal.

Padre Acílio

Tribuna de Coimbra

Não há dia melhor que o domingo para «ir» aos Pobres

É sempre com imensa alegria que recebemos em nossa Casa a visita de grupos ou de pessoas amigas. E, quando estes são cristãos, há uma linguagem que nos enobrece a par de uma satisfação comum: somos da mesma família!

A maior parte aparece ao domingo. O domingo é o dia do Senhor! Não há dia melhor para «ir» aos Pobres. Entre nós, contudo, há que distinguir um «vir» de mera rotina ou simples curiosidade com sabor a turismo — pese embora o respeito pelas intenções de cada um... Mas quero referir-me especialmente «aquele vir» motivado pela fé. Esse, sim, o que nos dá maior alegria e satisfação. É um «aparecer» provocado interiormente; nascido da Palavra de Deus escutada e acolhida na Eucaristia — oração sublime de Comunhão Filial e Fraternal.

A «um vir» assim dá-se o nome de Caridade. E, por se tratar de uma dinâmica que brota da Eucaristia — fonte de caridade — este «vir» tem uma repercussão fortemente missionária. Ir aos Pobres é uma tarefa de cariz missionário. O donativo é a concretização mais simples deste entendimento, mas nem sempre o mais rico de conteúdo.

Um doente, um idoso, um encarcerado, um isolado é

alguém que aprecia, mais que uma «coisa», uma palavra de conforto e, às vezes, mais do que a palavra, uma presença simples, discreta, gratuita.

O domingo é realmente o dia excelente para exercitar esta gratuidade activa a que bem se pode chamar de caridade sincera. Não se vê que o «ir» aos Pobres possa ter outra nascente — sem que outros interesses mesquinhos ou oportunistas interfiram — que não seja a força da Comunhão com Deus-Eucaristia.

Como eu gostava de ouvir, noutros tempos, a certos grupos de cristãos, depois de «aturadas» reflexões sobre o acto de fé, dizer da alegria do seu compromisso no domingo a seguir: uma visita a um Lar de idosos ou a um amigo recém-viúvo; àquele casal provado por um desgosto ou o banho e a limpeza daquele outro doente...

Que terapia verifiquei em alguns grupos, antes, abafados pela subtilidade das suas próprias interrogações ou pelo egoísmo afectivo de respostas óbvias e convenientes. Foi bom e maravilhoso verificar que a dinâmica do domingo neste «ir» aos Pobres passou a informar e encher de sentido a vida da semana.

Padre João

Continuação da página 1

que apeteceu dar-lhe um beijo e agradecer-lhe o serviço prestado com tanta dedicação.

Todos os dias, à hora da mesa, ao meio-dia e à noite, um sem número de maltrapilhos, com suas latinhas na mão, postam-se à entrada da cozinha para receberem a sopa quente e o conduto que nós comemos. As panelas grandes têm que ser bem cheias para que a comida chegue para os de dentro e para estes convidados que vêm da rua, cujo número só naquela hora conhecemos. São tantos que o conduto não chega, por vezes, mas vão consolados com a boa sopa. Na busca de comida que nos leva grande parte do tempo, contamos sempre com eles. Os gaiatos gostam de estar sempre neste serviço dos Pobres, e fazem-no com muita generosidade. Queremos que sejam educados nesta escola da vida para aprenderem a saborear o que têm e a compadecer-se dos que nada têm. É com estes filhos que Angola pode contar no futuro para alcançar o equilíbrio social tão ferido na hora presente.

Ainda não dei notícia da chegada do último contentor

BENGUELA

com roupas, comida, algumas camas, insecticidas e fungicidas para a agricultura e outras coisas que nos vieram aliviar. Foi uma gotinha d'água neste oceano, mas não podeis imaginar o bem que foi. Por certo quase não sentistes a falta do que destes. Os Pobres contentam-se com tão pouco! Podemos fazê-los felizes com o pouco que lhes damos e ficamos felizes também quando damos com muito amor.

Quando estas notas chegarem até vós mais algumas dezenas de garotos estarão em nossa Casa do Gaiato. Mais trinta, pelo menos.

Não vos canseis de repartir

Ando agora aflito por causa das camas e dos colchões. Mais por estes que os não há no mercado. E, se os há, custam muitos milhões. É verdade. Milhões! Tive que alterar os algarismos no meu computador mental, em menos de

um ano. Das centenas para os milhares e dos milhares para os milhões. Agora já não estranho!

Se não fosse a ajuda que a Obra da Rua, em Portugal, nos tem enviado, e depositada por vós em suas mãos, estaríamos paralisados e, connosco, a multidão que tomamos ao nosso cuidado. Assim, vamos caminhando de cabeça erguida, repartindo tanto quanto podemos e sabemos.

Como seria possível pormos os campos a produzir, dando trabalho e pão com o suor do rosto, caminho de dignidade e de justiça que eleva as pessoas, libertando-as de maior miséria? Como seria possível reconstruir as casas para acolher os filhos da rua que não sabem o nome do pai e da mãe nem da terra que os viu nascer? Como seria possível comprar a comida e alimentar tanta gente?

Não vos canseis de repartir o que tendes em vosso poder e dai com

alegria para que possais viver em paz.

Cozinhas comunitárias

Neste momento, com a chegada de um volumoso contingente de alimentos da Comunidade Económica Europeia para a Caritas de Angola, a penúria alimentar nos bairros periféricos da cidade de Benguela, Lobito, Baía Farta e Dombe Grande foi suavizada. Montaram-se cozinhas comunitárias para adultos e para crianças famintas. Os elementos humanos e cristãos dessas comunidades assumem o cuidado de fazer a comida e distribuí-la. Os rostos das crianças vão mudando. As barrigas grandes, da desnutrição, diminuindo. As mães vão tendo mais leite nos seios para os seus bebés. Os roubos e os assaltos baixando, que a fome é má conselheira.

Estamos a caminho do Natal. Como vai ser? Quem nos dera a Paz!

Se conseguirmos um pouquinho de farinha de trigo havemos de fazer uns bolinhos para a festa.

Obrigado!

Padre Manuel António

DOCTRINA



Quando lança mãos ao arado, por amor, não olha para o que já lavrou...

À força de se ouvir aqui falar, vezes sem conta, no gaiato instalado em sua Casa e nas Colónias de Férias, com os seus episódios e nos seus raids às praias a bem deles, parece que a vida destes miúdos ocupa todo o nosso pensamento e que a Obra da Rua tem aqui os seus limites; mas não. Nós não deixamos ficar no caminho aqueles que um dia tomámos à nossa conta, nem permitimos edificar coisas novas em prejuízo do que antes existia.

NÃO se trata de explorar o que dá mais lucro, nem tentar novas fortunas. Se às vezes se muda de direcção, nunca de directriz. Eu continuo a ser, como dantes, o frequentador regular da casa do Pobre, ouvindo dos próprios, pela centésima vez, a história da sua vida. Eles repousam dos seus males enquanto desabafam e gozam, infinitamente, a atenção que se lhes presta. Ele há tão pouca gente que disponha de tempo e que tenha a paciência de ouvir os inválidos dentro das suas mansardas! A esmola ao pedinte das ruas é mais cómoda e mais vistosa.

NÃO; o cuidado do catraio não tem roubado o tempo nem impedido a missão de ajudar os que trabalham e os que sofrem: a quinta coluna em armas de paz. A gente ouve os seus murmúrios à cabeceira da cama, em linguagem fervorosa e eloquente, fruto daquela felicidade real e única que o Filho do Homem prometeu aos que no mundo bem sofrem. Pedem pela Humanidade, pedem que se reconheçam os Direitos de Deus e que se acatem os Seus Mandamentos. E falam de Jesus Cristo, o único Bem que quer salvar pelo Amor. A gente treme na penumbra do tugúrio, ao ouvir da boca dos que sofrem estas verdades eternas e não aceita nem acredita nos valores terrenos.

(...) Temo-nos remediado, até hoje, com uma máquina de costura emprestada, mas o trabalho aumenta e o dono quer o que é seu. A peça nova custa dois mil e trezentos escudos, graças ao «cândido» uso que em nossos dias se dá ao ferro (alusão à carestia do ferro por causa da guerra), mas compra-se em segunda mão por metade daquele preço. (...) Mais duas velas de cera para o altar da Capela. Estava pobre de tudo, sem paramentos; e já tenho um de cor branca oferecido pelas Noelistas de Coimbra, um vermelho do meu Prelado e um preto, além de outras peças de linho, dádiva das Irmãs do Bom Pastor. Nós escolhemos entre os Pobres os garotos mais necessitados e atrás deles vem tudo o mais.

O. Amín. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2.º vol.)

O Natal começou a despontar no horizonte da vida da nossa comunidade.

Iniciaram-se os ensaios para a noite que se anuncia — cheia de alegria e encantamento. Os mais pequenos já aparecem com alguma frequência a perguntar quantos dias faltam. Os mais velhos, sobretudo os estudantes, sentem que os testes estão a aparecer e gostariam de ver o Natal sem terem de passar por essas dificuldades. Alguns, creio que se descuidaram um pouco. Têm tido os dissabores próprios de quem andou com a cabeça no ar, à semelhança das virgens loucas do Evangelho.

Gosto deste tempo que prepara o Natal. Gostaria de partilhar este meu gosto com muitos amigos que se lançam, nesta altura, em maratonas de futilidades esvaziadoras da vida e criadoras de desertos espirituais.

Foi a Igreja, na sua pedagogia, que me ensinou a descobrir a riqueza humana e divina que este tempo encerra. Antes de mais, o mergulhar na história da Humanidade

ENCONTROS em Lisboa

O Natal começou a despontar no horizonte

dade com todos os seus encantos e sofrimentos, as suas realizações e as suas frustrações e sempre a presença discreta e eficaz de Deus nos caminhos dos homens, falando ao seu coração, com segredos que as nossas palavras têm dificuldade em dizer. É a voz dos profetas que nos anima numa esperança serena e activa com imagens que nos embalam em sonhos que todo o nosso ser gostaria de ver realizados. A fraternidade expressa pelo leão e o cordeiro a viverem juntos. A paz entre os homens em que das lanças se fazem arados. A esperança sem limites transmitida nas imagens das terras

verdejantes nascidas do deserto. É o povo que andava nas trevas à espera. É a Virgem Maria silenciosamente expectante.

Pelo Advento passa a nossa vida. Esperança activa. Que a Luz dissipe as trevas! São os nossos colegas em terras de África onde as espadas fazem a lei. São as dezenas de casos que me apresentam e que os nossos limites nos impedem de dar solução, ficando apenas uma prece sofrida e interrogativa sobre o que irá ser a vida daquele miúdo. São os desertos da incomunicação quando pela centésima vez explicamos uma coisa e sai um resultado ao contrário. São as indis-

ponibilidades do coração humano em servir. É o miúdo que trazemos dentro do coração à espera do dia em que apareçam os sinais de uma mudança de vida.

Advento cheio. Natal promissor. Fruto de sementes lançadas à terra e que desabrocham. Mistério da nossa vida. Alegria vivida no mais profundo de nós próprios e que acompanha o nosso inseguro caminhar.

Há dias, fui contactado por uma empresa dizendo-me que anualmente gastam muito dinheiro em prendas sem importância. Este ano pensavam fazer de outro modo. Não dar prendas e o dinheiro a gastar seria entregue a algumas instituições de solidariedade. Achei que o nosso mundo tem assim surpresas agradáveis. Naturalmente que não terão o poder de mudar este tempo do Advento e de Natal, retirando-o da órbita do consumismo e dos jogos sociais. Creio que é uma pedrada no charco a fazer movimentar as águas. Temos os Adventos vazios.

Padre Manuel Cristóvão



A bela lagoa de Malanje

MALANJE

Partilhando

O título da mensagem — «Irmãos, porque nos matamos?» — dos Bispos de Angola, interpela-nos profundamente. De igual modo, os subtítulos: «Guerra absurda e desumana», «Deixai-nos viver», «Restituí-nos a liberdade».

Sim, o Povo não vive nem é livre acorrentado como está por esta guerra (verdadeiramente ignominiosa).

Em Malanje, o Povo sem lavras e a depender somente de escassas cargas nos aviões e de tão difícil distribuição, sofre e define. Escassas não em si, mas relativamente ao grande número de bocas com fome.

Não vi na Imprensa qualquer notícia relevante sobre esta mensagem de amor... Que

pena não ser aproveitada como sinal positivo e de esperança. Imprensa abarrotada de sinais negativos e sensacionalismos baratos não serve o Povo.

Afirmam os Bispos: «O Povo não entende esta guerra. Estamos com ele. Com os seus Pastores, o Povo tem desabafos e confidências que não tem com os seus dirigentes políticos. Podemos afirmar que é profunda a sua frustração e a sua revolta».

De facto, a Igreja está presente no auge deste sofrimento desumano. Ainda, graças a Deus, é ela que vai aos bairros acudir a velhos e crianças com o que pode.

O final da mensagem é um voto ao Senhor pela coragem da reconciliação; lembrando aos responsáveis da guerra que a sua maior vitória será a paz.

Padre Telmo

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Bairros de lata

Já há muitos anos que não ia e agora fui. Aproveitei alguns dias na nossa Casa do Gaiato de Lisboa e passei por alguns bairros mais degradados da Capital e seus arredores: Musgueira, Curraleira, Casal Ventoso, Pontinha, Amadora, Benfica, Buraca, Algés e outros pequenos aglomerados.

Pelos miúdos — e Serviço Social que os acompanha até nossas Casas — já faria uma pequena ideia do ambiente onde vinham. Mas, tão negativos não supunha.

Há quarenta anos eram pequenos bairros. Solitários e algumas oliveiras misturadas com as barracas. Os habitantes conheciam-se. Hoje, é um mundo de barracas e construções semelhantes. Sem espaços. Sem luz e sem ar. Ladeados por altos (e alguns modernos) edifícios. As ruas são estreitinhas, com esgotos à vista e cheias de cordões com roupa estendida. Não há espaços livres.

Muitos grupos de jovens novos sentados à mesa a jogar cartas. Grupos de jovens com barba crescida, caras famintas, cigarro na boca, à espera que passe mais um dia. Também algumas mulheres encostadas às esquinas.

Eram dias de sol de Primavera. Toda esta gente sem trabalho e era meio da manhã e era meio da tarde. Pareceu-me ser este o maior sintoma de pobreza.

Soluções?!...

O Governo, as autarquias e muita gente andam preocupados e empenhados na luta contra esta pobreza e contra as barracas. Construir e destruir logo. Mudar as pessoas... Se esta fosse a solução!...

A parte material é a mais fácil de fazer. A mais rápida e a mais vistosa. Mas não a mais eficiente. Não basta mudar de casa — se não se mudar de vida. Sem trabalhar, sem ocupação. Com grupos feitos. Com os lugares de sempre à espera.

Em todos os bairros encontramos Escolas Primárias com portas abertas e muitas crianças. Encontramos Centros Populares, Capelas, postos da P. S. P.. Encontramos muitos carros velhos abandonados.

Cada vez somos mais forçados a ver que a solução para este problema humano, tão grave, não está primariamente na construção de casas e demolição de barracas, mas sim na formação e educação das pessoas. A ocupação do tempo. Ganhar o pão com o suor do rosto. Reconhecer que a liberdade de cada um depende do respeito pela liberdade do Outro. E habitação digna para seres humanos.

São necessárias mais Criaditas dos Pobres a ir a casa das famílias fazer e ensinar como se faz o trabalho caseiro. Mais Irmãzinhas de Jesus a trabalhar como operários e a viver entre esta gente. Mais Irmãzinhas dos Pobres a cuidar com muito amor dos velhinhos e doentes. Mais Assistentes Sociais com menos papéis e mais generosidade para servir. Mais vicentinos e vicentinas que visitem e se dêem.

Nós temos, nas Casas do Gaiato, muitas crianças destes bairros. Se pudéssemos receber todas as que nos aparecem, as Casas não chegariam só para elas. Esta aflição que sentimos queremos partilhá-la também com todos os que nos conhecem.

Fazer casas e destruir barracas, sim. Mas acompanhar este trabalho com a formação humana.

Padre Horácio

Campanha de assinaturas

A concordância e o propósito de um Assinante recente que fechava o escrito sobre o mesmo tema da edição anterior, lembrou-me estouta carta de uma Assinante antiga, «Velhinha de 89 anos» — assim se assina — que guardo desde Julho passado. É uma contestação ao «sermão que V. publicou no n.º 1287». E acrescenta:

«Tem razão no que pensa e diz. Há, porém, um pormenor que lhe escapa, e é por ele que lhe venho pedir um minuto de calma para reparar e diminuir o rigor com que abandona os desditosos que não lêem o querido Famoso. Porque não tentar atraí-los?»

Eu creio que se V. encontrar no seu caminho um descrente não lhe vira as costas, mas, com toda a paciência e bondade fará verdadeiro o adágio: 'água mole...'. Não foi assim que fez Pai Américo? Tenhamos sempre esperança.

Quantas vezes, inesperadamente, Jesus dá um toque no coração e tudo começa a mudar. A indiferença com que recebiam o 'grande Gaiato', pondo-o de lado junto de outros jornais e revistas, vai dando lugar à curiosidade e, finalmente, ao desejo de o ler e, devagarinho, vão entrando nos objectivos do sermão. Não será assim com todos os descrentes? E não disse Pai Américo: 'Ainda que seja um só que se salve, valeu a pena'?

Deixe fazerem-se assinaturas à vontade, sem discriminação, e tenhamos esperança no supra-citado toque de Jesus.»

Eu beijo as mãos a esta preciosa Assinante. Com que profundidade ela nos lê e nos conhece e ama! Sou ambicioso. Queria

que todos fossem assim! Mas quero tranquilizá-la: Ao pôr o acento, nos meus sermões, sobre o compromisso habitual de ler como essencial da assinatura, faço uma recomendação, não uma discriminação. Aceito quantos se apresentam sem saber como cada um irá corresponder ao meu apelo...; mas fico em esperança. E creio nos toques de Jesus; e sei de muitos que só depois de vários anos terem O GAIATO em sua casa, deram por ele; e sei de outros que, no «acaso» de um consultório médico, ou outro lugar ou momento de espera, pégando por desfastio no jornalzinho que alguém ali deixou intencionalmente, o descobrem e se lhe afeiçoam, a ponto de não passarem sem ele. Como esta outra Assinante que, com o seu cheque para o jornal, nos manda este desabafo: «Infelizmente, de momento, não posso ler — apenas escrever e mal. Mas não quero que O GAIATO deixe de entrar aqui em casa». Não pode ler, de momento. Porém, a presença do jornal é oportunidade estimulante para o amor fraterno, que ela não quer perder.

Carta recebida, há poucos dias, rezava assim: «Leio coisas tão lindas que os Leitores vos escrevem e queria dizê-las também, mas não sei. Mas sinto-as!»

O GAIATO é este espaço de diálogo onde tantos desconhecidos se encontram e confraternizam em comum os toques de Deus no coração de cada um. «Coisas tão lindas», sim, «que os Leitores nos escrevem!» Não há edição que não leve sinal delas e essa é uma das suas grandes riquezas. Nem há jornal com um corpo redatorial tamanho como o d'O GAIATO.

Padre Carlos

PASSO A PASSO

A primeira ferramenta de trabalho é o amor...

Tudo está à venda, nada há sobre o qual não se possa fazer negócio. O importante é comprar e vender, fazer circular o dinheiro. Ele está na boca de toda a gente e ocupa lugares de destaque nas primeiras páginas dos jornais e em tudo o que é canal de informação. Ele é o motor da actividade humana do nosso tempo e o que dá sentido ao esforço de grande parte dos nossos contemporâneos. Por isso é o fruto que mais se procura alcançar.

Será mesmo assim? Quero crer que não, mas haverá razões para acreditar noutras motivações? Quanta gente se dá em diversos trabalhos, de Igreja e não só, gente que não busca interesses económicos, que sai desta roleta em que se joga o poder do ter! Mas mesmo aqui esta generosidade busca primeiramente o bem do Outro como condição para o próprio bem?

Nas Casas do Gaiato temos de chegar aqui sob pena de não realizarmos a nossa missão.

Quem está na primeira linha da entrega de si mesmo, tem de ir até onde for necessário, sem limites. Isto, que para muitos será masoquismo, para nós é cristianismo — cristãos como Cristo.

Isto diz-se dos padres, das senhoras e dos chefes que servem a Obra da Rua. Aceitar um destes serviços é comprometer-se a tudo fazer pelo bem daqueles que lhes estão confiados. E para fazer o Bem e trabalhar por ele, é necessário conhecê-Lo. Sim, Jesus Cristo e o Bem identificam-se. Procurar o Bem é procurar Cristo.

Tenho verificado que muitos dos nossos rapazes têm dificuldade em rezar. Mas como se pode dialogar com alguém, e ter gosto nisso, se não se conhece o interlocutor?

Também entre nós a falta de convivência com Deus faz os seus estragos. Perde-se o sentido do ser Homem e deixamo-nos aprisionar pelo ter. Sem darmos por isso, vamos trocando a própria dignidade por dinheiro e objectos, fazendo um negócio ridículo. E quando o Homem vende a sua dignidade, vende o seu futuro apontando armas de morte às estruturas criadas para o servir.

Por este caminho, tudo é vendável. Estando tudo à venda, acaba-se o gratuito, aquilo que é mais belo e nobre no Homem.

Importa pois que deixemos de ser negociantes das coisas de Deus e dos Homens e assumamos a tarefa que nos é própria — construtores. Aqui!, ajudando na construção de homens de hoje, continuando a edificar o Homem que um dia Deus criou.

E a primeira ferramenta neste trabalho é o amor...

Padre Júlio

Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788896 — Reg. D. G. C. S. 100396 — Depósito Legal 1239